

O aspecto negativo na semântica argumentativa: análise do gênero meme e construção de blocos semânticos

Neuzer Munhoz Bavaresco

Mestre em Letras pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Brasil

Ernani Cesar de Freitas

Professor Doutor dos Programas de Pós-Graduação em Letras da Universidade de Passo Fundo (UPF) e em Processos e Manifestações Culturais da Universidade Feevale, Novo Hamburgo, Brasil

Este artigo trata da aplicação de conceitos da Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Ducrot (1990) e colaboradores, mais especificamente no que se refere a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS). O objetivo é descrever o funcionamento semântico do texto humorístico com a construção dos encadeamentos argumentativos que demonstram o uso da negação no discurso. O marco teórico baseia-se em noções da Semântica Argumentativa de Ducrot (1990; 2005) e Carel (2005; 2008). A pesquisa é exploratória, bibliográfica, qualitativa e de caráter descritivo-analítico. O *corpus* é composto por um texto, conhecido como “meme de Chico Buarque”. Constatamos que, pela abordagem semântico-argumentativa, o humor do texto é gerado a partir do contraponto entre aquilo que é posto pelo locutor e a expectativa do leitor, que reconstrói o discurso mediante o sentido negativo dado pelo meme.

Palavras-chave: Teoria da Argumentação na Língua. Teoria dos Blocos Semânticos. Meme Chico Buarque.

El aspecto negativo en la Semántica Argumentativa: análisis del género meme y construcción de bloques semánticos

Este artículo trata de la aplicación de conceptos de la Teoría de la Argumentación en la Lengua (TAL), de Ducrot (1990) y colaboradores, más específicamente en lo que se refiere a la Teoría de los Bloques Semánticos (TBS). El objetivo es describir el funcionamiento semántico del texto humorístico con la construcción de cadenas argumentativas que demuestren el uso de la negación en el discurso. El marco teórico está basado en nociones de Semántica Argumentativa de Ducrot (1990; 2005) y Carel (2005; 2008). La investigación es exploratoria, bibliográfica, cualitativa y descriptivo-analítica. El *corpus* está compuesto por un texto, conocido como el “Meme de Chico Buarque”. Encontramos que por el enfoque semántico-argumentativo, el humor del texto se genera a partir del contrapunto entre lo que pone el locutor y la expectativa del lector, que reconstruye el discurso a través del significado negativo que le da el meme.

Palabras clave: Teoría de la Argumentación en la Lengua. Teoría de los Bloques Semánticos. Chico Buarque Meme.

The negative aspect in Argumentative Semantics: analysis of memes and construction of semantic blocks

This article deals with the application of concepts from the Theory of Argumentation in Language (TAL), developed by Ducrot (1990) and collaborators, more specifically the Theory of Semantic Blocks (TBS). The aim is to describe the semantic functioning of humorous texts with the construction of argumentative linkages that demonstrate the use of negation in discourse. The theoretical framework is based on notions from Argumentative Semantics (DUCROT, 1990; 2005; CAREL, 2005, 2008). The research is exploratory, bibliographical, qualitative, and descriptive-analytical. The *corpus* is composed of one text, known as the “Chico Buarque meme”. We found, grounded on the semantic-argumentative approach, that the humor of the text is generated from the counterpoint between what is put by the speaker and the expectation of the reader, who reconstructs the discourse through the negative sense given by the meme.

Keywords: Theory of Argumentation in Language. Theory of Semantic Blocks. Meme Chico Buarque.



Introdução

O tema deste estudo tem como foco a análise de um texto humorístico sob o viés da Semântica Argumentativa, vertente teórica que estuda o sentido de uma entidade linguística em sua relação com as outras, excluindo o extralinguístico da análise dos enunciados. A delimitação do tema consiste em um exercício de aplicação teórico-prática com base na Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), de Marion Carel (2005), vinculada à Teoria da Argumentação na Língua (TAL), de Oswald Ducrot e colaboradores (1990, 2002).

A questão norteadora deste estudo parte do fato de que os preceitos teóricos da TAL, mais especificamente em sua última fase, a TBS, podem ser aplicados como recurso esclarecedor dos múltiplos sentidos produzidos em diferentes tipos de entidades linguísticas, principalmente no que concerne ao funcionamento da negação na argumentação. Essa teoria contribui para pensar o texto como um conjunto de encadeamentos argumentativos, ligados por conectores *donc* (DC) e *pourtant* (PT) e sua relação polifônica com diferentes enunciadores e pontos de vista.

O objetivo desta pesquisa é analisar a construção do sentido dos enunciados pela argumentação que se estabelece exclusivamente por meio da língua no funcionamento semântico do meme de Chico Buarque. A TBS possibilita perceber o sentido apreendido da negação dentro do texto, uma vez que as palavras não são tomadas isoladamente, nem em seu sentido literal, mas pela relação entre os enunciados e pelo conjunto de possibilidades argumentativas preexistentes na própria língua.

O *corpus* escolhido corresponde ao meme, texto característico do mundo virtual que se tornou popular na era digital e que tem, além do suporte *web* como uma característica marcante, a popularidade desse meio para comunicar diversas situações do cotidiano. O meme selecionado é uma recriação do álbum de Chico Buarque, de 1966, que obteve notória divulgação ao apresentar dois fatos contrapostos, acompanhados da imagem do cantor, ora sorrindo, ora sério.

Para fundamentar a análise do *corpus*, faz-se necessário, primeiramente, proceder a uma sistematização teórica de alguns dos principais conceitos da semântica argumentativa, que acrescenta outras noções à TBS, principalmente a noção de negação e de polifonia. Tais fases serão explicadas brevemente neste trabalho, com ênfase na fase mais atual, a TBS, desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel (2005) e que servirá de base para a análise do texto em foco.

1 Conceitos fundamentais da Teoria da Argumentação na Língua

A Teoria da Argumentação na Língua tem sido desenvolvida e aprimorada por Oswald Ducrot e seus colaboradores, Jean-Claude Anscombre e Marion Carel. Encontra-se em sua terceira forma, a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS), tendo passado pela primeira fase, a forma *Standard*, e pela segunda, a Teoria dos *Topoi*.

O marco da Teoria dos Blocos Semânticos é o ano de 1992, com a defesa de tese de Marion Carel. Em sua tese, Carel (2005) parte dos conceitos propostos por Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, que vão desde o princípio da TAL até a Teoria dos Topoi, fase vigente da teoria naquele momento. Uma das críticas de Carel aos Topoi era em relação ao sentido extralinguístico, sendo assim, o sentido na TBS é constituído por certos discursos que uma entidade linguística evoca, representados por encadeamentos argumentativos (CAREL, 2005). Os encadeamentos são constituídos por dois segmentos – o aporte e o suporte –, relacionados por um conector.

Essa vertente teórica tem como principal postulado o fato de que a argumentação está na língua e não depende de um contexto, de uma situação externa. Seu objeto de estudo é o sentido linguístico que se produz no discurso, no emprego da língua. Dessa forma, o enunciado é tomado como uma entidade que se relaciona no interior do sistema linguístico com seus segmentos sem dependência de fatores extra sistema para serem interpretados. Assim, a TAL fornece subsídios para a compreensão do funcionamento da linguagem, uma vez que concebe a argumentação como a construção de sentido por parte de um locutor que, ao apresentar-se como responsável por um discurso, coloca em relação os signos da língua.

Na atual fase da teoria – a TBS –, o sentido é apresentado pela relação, normativa ou transgressiva, entre dois segmentos, semanticamente interdependentes. O encadeamento argumentativo é do tipo X CONECTOR Y e caracteriza-se por ser normativo ou transgressivo. Os conectores são construções teóricas, portanto, abstratos, e são de dois tipos: portanto (DC) e no entanto (PT). Os conectores DC e PT representam outros elementos linguísticos, tais como logo, então, mesmo que, embora, etc. Quando um encadeamento relaciona dois segmentos com um conector do tipo DC, temos um encadeamento normativo. Já os encadeamentos transgressivos são os que unem os segmentos com o conector do tipo PT. A norma e a transgressão não são estabelecidas pela apreensão da realidade pelo sujeito empírico, essa oposição está no interior das palavras. Ducrot (1987, p. 182) considera que os enunciados contêm diferentes representações do sujeito e distingue entre essas representações do sujeito “pelo menos dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores” (DUCROT, 1987, p. 182).

Diante disso, verificamos que há enunciados que apresentam uma pluralidade de responsáveis. O locutor é “um ser que é, no próprio sentido do enunciado, apresentado como seu responsável, ou seja, como alguém a quem se deve imputar a responsabilidade desse enunciado” (DUCROT, 1987, p. 182). Sendo assim, o locutor que é designado por *eu* pode ser diferente do autor empírico do enunciado.

Em *Polifonía y Argumentación*, Ducrot (1990) define e distingue sujeito empírico (SE), que se desdobra em duas figuras: o locutor (L) e locutor enquanto ser do mundo (λ). Conforme Ducrot (1987, p. 188):

O ser a quem se atribui o sentimento em uma interjeição é L – o locutor visto em seu engajamento enunciativo. E é a λ , ao contrário, que ele é atribuído nos enunciados declarativos, isto é, ao ser do mundo que entre outras propriedades tem a de enunciar sua tristeza ou sua alegria (de um modo geral o ser que o pronome eu designa é sempre λ , mesmo se a identidade deste λ só fosse acessível através de seu aparecimento como L).

Sendo assim, o locutor, enquanto ser do mundo, é o que produz o enunciado, tem uma vida social, no entanto, ele não é uma categoria de estudo na TAL. Já o enunciador (E) representa a origem dos diferentes pontos de vista que se apresentam na realização da frase e a ele não são vinculadas palavras, mas “vozes” implícitas ao enunciado. O enunciador (E) é personagem importante para a teoria, principalmente no que se refere à polifonia. Já o locutor (L) deve ser entendido como o responsável pelo enunciado, um ser do discurso, nem sempre marcado linguisticamente.

Sendo assim, Ducrot (1990) traz a ideia de polifonia e considera as relações entre locutor e alocutário e entre o discurso do locutor e outros discursos. Por esse motivo, defende que o autor de um enunciado nunca se expressa diretamente, mas põe em cena, num mesmo enunciado, diversos personagens que nele se confrontam.

Dessa forma, o locutor (L) é uma abstração da ordem da frase, com capacidade de colocar em funcionamento diferentes enunciadores (E), que também não são pessoas reais, mas pontos de vista que dialogam no enunciado. Para explicitar essas funções, Ducrot (1990) utiliza os recursos de humor e negação e esclarece que, para um enunciado ser humorístico, precisa atender a três condições:

1. Entre os pontos de vista representados no enunciado, pelo menos há um que obviamente é absurdo, insustentável (em si mesmo ou no contexto).
2. O ponto de vista absurdo não é atribuído ao locutor.
3. No enunciado, não se expressa nenhum ponto de vista oposto ao ponto de vista absurdo (não é retificado por nenhum enunciador). Entre os enunciados humorísticos, chamarei “irônicos” aqueles em que o ponto de vista absurdo é atribuído a um personagem determinado, que se busca ridicularizar (DUCROT, 1990, p. 21, tradução nossa).

Para o autor, é fundamental que o ponto de vista absurdo apresentado pelo locutor não possa ser por este assumido. Esse “teatro”, representado pelos locutores e enunciadores, implica uma determinada imagem da realidade que apresenta muitos pontos de vista em que o locutor toma diferentes atitudes. Há, portanto, uma possibilidade de haver diferentes conclusões para um mesmo enunciado-argumento, e isso decorre do seu potencial argumentativo, que, segundo Ducrot (1990), é o conjunto de enunciados que podem servir-lhe de conclusão. Por isso, nas palavras de Ducrot (1990, p. 91), “dizer por exemplo que um enunciado de P e um enunciado de P’ têm diferente potencial argumentativo equivale a dizer que se pode dar-lhes como continuação discursiva enunciados-conclusões diferentes”.

Assim, com o acréscimo do conceito de *topos* – isso é, o princípio argumentativo, considerado comum à coletividade em que o discurso acontece que garante a passagem do argumento para a conclusão –, os autores acreditaram na possibilidade de acabar com a concepção descritivista. Porém, como aponta Gomes (2017, p. 86), “Carel (1992) percebeu que, com o conceito extralinguístico de *topos*, estava-se traindo a própria tese da ANL, o próprio fundamento estruturalista de descrever a língua pela língua”.

Nesse sentido, da fase dos *topoi*, abandonada a partir da TBS – fase que rejeita a ideia de passagem do argumento à conclusão – para Ducrot (1999, p. 5), apenas os méritos foram mantidos, pois “forneceu principalmente um método que, de minha parte, continuo a aplicar e que, diante da descrição de uma palavra, manda buscar os encadeamentos argumentativos possíveis a partir dos enunciados em que essa palavra ocorre”. Sendo assim, o sentido de A é determinado pelo de C, reciprocamente.

De acordo com Gomes (2017, p. 88), os trabalhos atuais em Semântica Argumentativa conciliam, portanto, duas teses: “a primeira, que defende que o encadeamento argumentativo constrói, por ele próprio ‘representações do mundo de que se fala’ [...]; e a segunda tese, que defende serem os encadeamentos argumentativos ‘restritos pela semântica intrínseca das palavras’ empregadas no discurso”. Essa segunda tese satisfaz o objetivo estruturalista da TAL e, conforme Ducrot (1999, p. 10), “leva a descrever as palavras, não a partir de um conhecimento prévio da realidade (o que implicaria sua descrição ‘informativa’), mas a partir de suas potencialidades discursivas”.

Nesse sentido, após breve exposição sobre os postulados da TAL, na próxima subseção, são apresentados alguns conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos, postulada em 1992 com a tese de doutorado de Marion Carel.

1.1 Sobre alguns conceitos da Teoria dos Blocos Semânticos

A Teoria dos Blocos Semânticos, fase atual da TAL, desenvolvida por Oswald Ducrot e Marion Carel (2005), caracteriza-se por ser o que os autores denominam de estruturalismo do discurso, fazendo referência ao estruturalismo saussuriano, na medida em que, para os autores, trata-se de descrever o sentido das palavras por meio dos discursos que são evocados a partir delas, e não a partir de fatos ou de realidades extralinguísticas.

As unidades mínimas de sentido na TBS são os chamados discursos argumentativos, concebidos no emprego da língua. Sendo assim, a descrição e a explicação do sentido dos enunciados se dão pelo isolamento dos encadeamentos argumentativos evocados, dos aspectos argumentativos e, finalmente, do bloco semântico, o qual resulta da interdependência entre os dois predicados do enunciado.

Os discursos denominados encadeamentos argumentativos constituem, no interior da língua, o sentido e manifestam-se sob a fórmula X CONECTOR Y. Nas fases anteriores da TAL, aprofundou-se a noção de *donc* (portanto), que, para Carel e Ducrot (2005), constitui os encadeamentos argumentativos normativos. Já na fase atual da TBS, Carel (2008) aprofunda o conceito utilizando o conector *pourtant* (mesmo assim), que estabelece os encadeamentos argumentativos transgressivos.

Nas palavras de Carel e Ducrot (2008, p. 9, grifo dos autores) “uma argumentação é por definição uma sequência de dois enunciados ligados por um conector: um desses enunciados é o suporte, o antecedente, o anterior, da conexão; o outro é o aporte, o consequente, o posterior”. Esse posterior apontado pelos autores “não é a posição geográfica do enunciado no encadeamento que define essa função; ‘está chovendo’ é suporte tanto em ‘está chovendo, no entanto, vou sair’ quanto em ‘vou sair, mesmo que chova’” (CAREL; DUCROT, 2008, p. 9, grifo dos autores).

A interdependência entre os segmentos de um enunciado tem por resultado a construção de um conteúdo que os autores denominam bloco semântico, e aos modos de apreendê-lo denominam aspectos argumentativos. De acordo com Cortivo-Lebler e Silva (2015, p. 321), “os aspectos argumentativos que constituem parte da significação dos enunciados também exprimem a significação dos termos da língua”. Nesse sentido, Ducrot e Carel (2005) propõem-se descrever as palavras da língua não por determinados traços, mas por predicados argumentativos ou conjuntos de predicados argumentativos. Quando os autores apresentam o conceito de “bloco”, todos os aspectos de um bloco estabelecem a mesma interdependência semântica entre os segmentos A e B do suporte e do aporte, que esses segmentos sejam ou não acompanhados de uma negação. Passemos ao conceito de negação na semântica argumentativa.

1.2 Sobre a negação na perspectiva da Semântica Argumentativa

Ao longo de seu desenvolvimento, as teorizações propostas pelo grupo de Ducrot (1990) vêm passando por diversas reformulações, porém, sem nunca se desviar do princípio básico segundo o qual a argumentação está na língua. Esta não é considerada descritiva, mas argumentativa, e, nesse contexto, os autores constroem uma semântica que não fará referência ao externo da língua e será inscrita no quadro do estruturalismo saussuriano e das teorias da enunciação.

Ducrot (1990, p. 65) evidencia ainda que o “sentido de um enunciado apresenta um certo número de pontos de vista”. Diante da questão, rebate um conceito da linguística clássica, a unicidade do sujeito falante, e passa a distinguir o locutor (L), “a quem se atribui a responsabilidade pela enunciação no interior do próprio enunciado”, do sujeito empírico, “definido como o autor efetivo, o produtor do enunciado” (FREITAS, 2007, p. 128). Essa distinção é feita em virtude de a argumentação ser produzida por meio do próprio sistema linguístico, enquanto o indivíduo real pertence ao mundo extralinguístico.

Especificamente sobre a negação, Ducrot (1990) descreve-a como um fenômeno de polifonia para o qual concorrem dois enunciadores: um enunciador positivo que afirma **p**, e um enunciador negativo que rechaça esse ponto de vista. Porém, essa é uma descrição geral, ao passo que os enunciados negativos não têm exatamente as mesmas características, apontando-se, nessa etapa da teoria, três tipos de negação: descritiva, polêmica e metalinguística.

Assim sendo, a negação descritiva corresponde ao enunciado que simplesmente veicula um conteúdo negativo, sem que o locutor apresente sua fala como oposição a um discurso contrário. Por conseguinte, pode ser parafraseado, sem perda de sentido, por um enunciado positivo. Na negação descritiva, o aspecto opositivo se mostra atenuado ou apagado, e, por isso, Ducrot (1990) propõe analisá-la como um derivado de locutivo da negação polêmica. Já a negação metalinguística opõe dois locutores, contradizendo uma fala anterior.

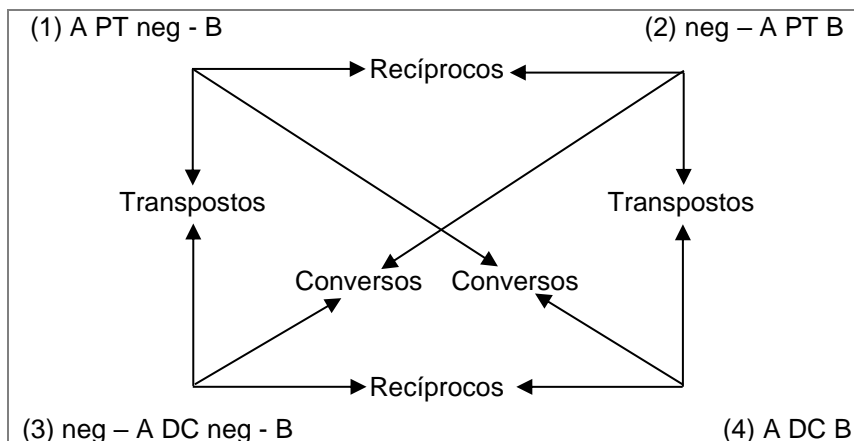
Por fim, a negação polêmica, correspondente à maior parte dos enunciados negativos, opõe dois enunciadores com pontos de vista antagônicos. Assim, em “Pedro não é inteligente”, o locutor mobiliza dois enunciadores: E1, que afirma um enunciado positivo: “Pedro é inteligente”, e E2, que rechaça aquele ponto de vista, fornecendo o enunciado negativo: “Pedro não é inteligente”. Quanto ao locutor, este se identifica com o enunciador negativo E2 e rejeita o ponto de vista do enunciador positivo E1.

De acordo com Carel e Ducrot (2008), a negação não pode ser vista como nas apresentações habituais da negação, mas:

[...] para descrever o enunciado negativo “não p”, de dois enunciadores ligados, um a “p”, outro à recusa de “p”. Se, como nos engaja a TBS, descrevermos a parte positiva “p” por três tipos de entidades argumentativas, se é levado a associá-la a pelo menos três enunciadores. Multiplicação que se tornou inevitável pelo fato de que os pontos de vista desses “enunciadores positivos” são, mostraremos na sequência, transformados de modo diferente pela ação, sobre eles, da negação. Do mesmo modo, os enunciadores ligados ao caráter negativo do enunciado serão, também eles, pelo menos três, cada um dos quais “responde” a um dos enunciadores positivos (CAREL; DUCROT, 2008, p. 11).

Assim sendo, para descrevermos a negação, será necessário levar em consideração os três tipos de entidades argumentativas, associá-las a três enunciadores. Para exemplificar o uso da negação na constituição do bloco semântico conforme Carel e Ducrot (2008, p. 11), podemos considerar “os encadeamentos transgressivos ou normativos constituídos a partir de dois predicados, o suporte A e o aporte B, combinados eventualmente com a negação. A pode, por exemplo, “ser uma ação perigosa”, e B, “desistir de agir”. O encadeamento argumentativo combinado com a negação, em forma de bloco, pode ser ilustrado com o exemplo da Figura 1.

Figura 1 – Constituição do encadeamento argumentativo combinado com a negação



Fonte: Elaborado pelos autores

O bloco 1 comporta os aspectos A PT NEG B (que contêm encadeamentos transgressivos do tipo “mesmo se uma ação é perigosa, ele não desiste de fazê-la”), ADC B (“se uma ação é perigosa, ele desiste de fazê-la”), NEG A PT B e NEG A DC NEG B. Pode-se colocar esses quatro aspectos nos quatro ângulos de um “quadrado argumentativo”, e definir entre eles as três relações formais “conversão”, “reciprocidade” e “transposição”, como referido no bloco 1.

Do mesmo modo, os quatro aspectos podem servir para descrever quatro adjetivos. Conforme Carel e Ducrot (2008, p. 11, grifo dos autores), “o aspecto 1 corresponde a ‘imprudente’ (mesmo se uma ação é perigosa, ele não desiste); o aspecto

2, a 'medroso' (mesmo se uma ação não comporta perigo, ele desiste de fazê-la); o aspecto 3, a 'não medroso', e o aspecto 4, a 'prudente'".

Assim, esses quatro aspectos num mesmo bloco, de acordo com Carel e Ducrot (2008, p. 11), são correspondes "ao fato de que, em todos os seus encadeamentos, o suporte A, 'perigo', é percebido como orientado para B (trata-se de um perigo visto como impedindo de agir) e que o próprio termo B é percebido como fundamentado em A (trata-se de uma desistência ligada ao perigo)". É o caso até mesmo quando A ou B são negados; assim, no aspecto 2, o de "medroso", em que a desistência de agir tem lugar numa situação apresentada como não perigosa, essa desistência é uma desistência por causa do perigo, e não uma desistência motivada pelo desejo de não se cansar ou de não causar sofrimento a alguém.

Conforme Carel e Ducrot (2008, p. 12), "a teoria semântica que acabamos de resumir deveria assim ter consequências importantes no que diz respeito ao fenômeno linguístico sobre o qual a descrição polifônica foi inicialmente tentada, a negação". Nesse sentido, para descrever e analisar o uso da negação nos enunciados, na próxima seção, tratamos sobre a metodologia e a análise do *corpus*.

2 Metodologia e análise de *corpus*

2.1 O objeto de análise

O termo "meme" é bastante conhecido e utilizado no "mundo da internet", referindo-se ao fenômeno de "viralização" de uma informação, ou seja, pode ser qualquer vídeo, imagem, frase, ideia, música que se espalhe entre vários usuários rapidamente, alcançando muita popularidade.

A ideia de meme pode ser resumida por tudo aquilo que é copiado ou imitado e que se espalha com rapidez entre as pessoas. Como a internet tem a capacidade de atingir milhões de pessoas em alguns instantes, os memes de internet podem também ser considerados "informações virais".

A foto de capa do primeiro LP de Chico Buarque (Figura 2) é um meme muito conhecido nas redes sociais, desde que começou a circular. Na época em que foi lançado o LP, em 1966, quase todas as capas de discos no Brasil tinham o mesmo padrão, porém, a desse disco foge inteiramente aos modelos percebidos naqueles anos. Ela é surpreendente, expressiva, e hoje há ferramentas que permitem sua "adulteração". Dentre esses recursos, está o Chico Buarque *Meme Creator*, que é utilizada, inclusive, fora do Brasil, para servir de base a piadas. A cantora norte-americana Patti Smith já criou sua versão do meme e torcedores de futebol inglês a utilizam frequentemente quando seus adversários sofrem decepções. Apoiada na ideia simples de que alguma coisa boa – ou uma boa perspectiva – é subitamente desfeita, o meme chegou a ser

usado numa propaganda de um shopping no Piauí, o que levou Chico Buarque a processar o estabelecimento por uso indevido de imagem.

Figura 2 – Imagem da capa do LP Chico Buarque de Hollanda (1966)



Fonte: Internet

O termo que, em grego, significa imitação, no mundo virtual designa um tipo de discurso de humor que utiliza imagens como meio de interpretação de diversas frases. O meme de Chico Buarque, como ficou conhecido o uso da imagem do álbum de 1966 com frases que se contrapõem, é o objeto de análise deste estudo. Isso se justifica, primeiramente, por seu sentido de negação que, apesar de implícito, é o princípio para compreender o humor do meme. Também, pela sua expressiva utilização nas redes sociais, constituindo-se como fenômeno discursivo que contempla diversos tipos de públicos e se tornou um discurso viral reconhecido pelos usuários das redes sociais.

2.2 Os procedimentos metodológicos

Este estudo, de caráter descritivo-qualitativo, contempla a análise de um texto humorístico chamado meme. Partiu-se, inicialmente, de um breve levantamento bibliográfico a respeito dos conceitos fundantes da Semântica Argumentativa, área de estudos na qual se inscreve a Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores (1990, 2005, 2008), a fim de embasar a análise com a Teoria dos Blocos Semânticos (TBS).

Analisamos o texto do meme de Chico Buarque, que, embora apresente a imagem do cantor ora sorrindo, ora sério, se revela apropriada para o objetivo deste estudo a aplicabilidade da teoria semântico argumentativa, por isso, focamos apenas nos enunciados (oba final de semana/ENEM) constituindo blocos semânticos classificados a partir da negação polêmica criada por Ducrot (2008).

O *corpus* de análise é composto por um meme que foi divulgado antes da aplicação do Exame Nacional de Ensino Médio (ENEM) nas redes sociais, e a partir dele

construímos o bloco semântico com argumentação interna e externa. Na tentativa de contribuir para o entendimento sobre como o sentido é construído no texto, tendo por base a TAL, realizamos, em um primeiro momento, a organização do texto em diferentes segmentos. Esses segmentos constituirão, posteriormente, os encadeamentos argumentativos (EA) responsáveis pela formação dos blocos semânticos. Esses encadeamentos serão orientados argumentativamente pelo uso de conectores explícitos ou implícitos (portanto – DC; no entanto/mesmo assim – PT).

Os encadeamentos argumentativos presentes nos dois primeiros blocos semânticos serão articulados entre si, a fim de destacar o encadeamento global que se depreende do texto, a partir da negação. Por fim, da união entre o encadeamento global destacado do BS1 e do BS2, chegar-se-á ao sentido global do discurso, que só pode ser dado, segundo Ducrot e Carel (2005), com base nos encadeamentos semânticos interconectados e interdependentes.

2.3 A análise do *corpus* da pesquisa

A análise, a seguir apresentada, procura verificar se as definições dos autores citados contribuem e por que contribuem para compreender as seleções argumentativas realizadas pelo locutor, de modo a reiterar seu ponto de vista argumentativo. Para melhor observação de tais construções, apresentamos a imagem referente ao meme (Figura 3).

Figura 3: Meme Chico Buarque



Fonte: Humor Político (2018)

O locutor constrói sua argumentação com a oposição de situações: final de semana x ENEM. A contrariedade entre os enunciados pode ser corroborada pelas imagens (à esquerda, Chico Buarque sorrindo, demonstrando satisfação com a chegada do final de semana; e à direita, sem sorrir, personificando a insatisfação com a data do Exame Nacional de Ensino Médio).

De acordo com Carel e Ducrot (2008, p. 11), “descrevemos a parte positiva ‘p’ por três tipos de entidades argumentativas, se é levado a associá-la a pelo menos três enunciadores”. Esse fato é inevitável já que os pontos de vista desses “enunciadores positivos” são transformados de modo diferente pela ação, sobre eles, da negação. Do mesmo modo, para os autores, “os enunciadores ligados ao caráter negativo do enunciado serão, também eles, pelo menos três, cada um dos quais ‘responde’ a um dos enunciadores positivos” (CAREL; DUCROT, 2008, p. 11).

Assim, para analisar a negação na sequência “oba final de semana X ENEM”, considera-se o ponto de vista em que um enunciador positivo (final de semana é um momento feliz) se transforma para constituir o ponto de vista do enunciador negativo correspondente. Consideremos os encadeamentos transgressivos ou normativos constituídos a partir de dois predicados, o suporte A e o aporte B, combinados eventualmente com a negação.

Sequência 1: “Oba final de semana tem ENEM”

O locutor relaciona final de semana com momentos de alegria, descontração e satisfação e estabelece os seguintes aspectos no quadrado argumentativo:

- (1) A PT neg-B - final de semana mesmo assim não felicidade.
- (2) neg-A PT B – não final de semana mesmo assim felicidade.
- (3) neg – A DC neg-B – não final de semana portanto felicidade.
- (4) A DC B– final de semana portanto felicidade.

Como podemos observar, o locutor seleciona o aspecto transgressivo (1) para reforçar a tese inicial e argumentar que, mesmo sendo final de semana, nesse não haverá felicidade. O locutor, ao selecionar o aspecto transgressivo, retoma sua tese e nega conceitos socialmente recorrentes no que concerne ao que signifique um bom final de semana. A negação, mesmo implícita já que não comporta a palavra “não”, pode ser verificada pela argumentação interna da língua.

Observamos a sequência 2:

Sequência 2: “Oba final de semana, não tem Enem”

Nessa sequência, o locutor relaciona final de semana feliz a não existência da avaliação estabelecendo os seguintes aspectos, podendo ser relacionado à mesma imagem anterior.

- (1) A PT neg B – final de semana mesmo assim sem prova
- (2) neg – A PT B – não final de semana mesmo assim prova
- (3) neg – A DC neg-B – não final de semana portanto não prova
- (4) A DC B – final de semana portanto prova

No quadrado argumentativo correspondente à sequência 2, o criador do meme confirma o aspecto normativo, já que finais de semana não são dias de trabalho e/ou estudo que suporia uma avaliação. As pessoas aceitariam a expressão: “final de semana não prova”. No aspecto transposto, é explicitado novamente esse ponto de vista, porém, reafirmando que se não é final de semana pode ter avaliação.

Desse modo, um bloco semântico apresenta vários aspectos: os recíprocos (positivo e negativo), os conversos (normativo e transgressivo), e os transpostos (positivo normativo e negativo transgressivo) (CAREL; DUCROT, 2005). As relações argumentativas, definidas pelo jogo de conectores e pela inserção da negação, correspondem às relações discursivas. Ou seja, são quatro possibilidades discursivas que se organizam em torno de um mesmo bloco semântico, de uma mesma argumentação. Assim, nesse enunciado (oba final de semana), temos que o final de semana é sinônimo de descanso. Começamos com a AE à direita de descanso, seguida de sua AE à esquerda.

A AE à direita de descanso descansar DC ser feliz descansar PT neg-ser feliz	Para a AE à esquerda, encontramos relaxar DC descansar neg-relaxar PT descansar
--	---

No Quadro 1, apresentamos um resumo com as argumentações externas de não descansar encontradas a partir das AEs de descansar.

Quadro 1 – Argumentação externa de descansar e não descansar

AE de descansar	Negação (recíprocos AE de não descansar)
AE à direita descansar DC ser feliz descansar PT neg- ser feliz	neg-descansar DC neg- relaxar neg-descansar PT relaxar
AE à esquerda relaxar DC descansar neg-relaxar PT descansar	neg-relaxar DC neg-descansar relaxar PT neg- descansar

Fonte: Elaboração dos autores

Ao considerar que todas as argumentações para não descansar originaram-se das argumentações de descansar, podemos afirmar que se trata de uma negação comum, e, por sua vez, polifônica. Resta-nos identificar os enunciadores.

E1: descansar DC ser feliz

E2: ser feliz DC descansar

E3: relaxar DC descansar

E'1: neg-descansar DC neg-ser feliz

E'2: neg-relaxar DC neg-ser avaliado

E'3: relaxar PT neg- ser avaliado

O locutor assume os enunciadores E1, E2, E3 e E'3 e recusa E'1, E'2 e E3. Desse modo, temos, no meme de Chico Buarque, um sentido transgressivo em que, apesar de ser final de semana, sinônimo de descanso e felicidade, isso não se confirma, o que é revelado pela face séria, que, pela negação polifônica (haverá prova/avaliação), desconstrói o sentido inicialmente esperado.

O ponto de vista absurdo é não descansar no final de semana, rechaçado pelo enunciador 1, que assume o ponto de vista normativo de descansar DC ser feliz. Assim, para que haja compreensão e para que se confirme o efeito de humor no discurso do meme, é necessário um percurso em que se pense o valor argumentativo das palavras em determinadas construções, como é o caso da expressão “final de semana”, cujo sentido se dá ao se relacionar com as outras por meio do encadeamento argumentativo.

Desse modo, ao dizer, por exemplo: descansar PT neg-ser feliz, não se tem um sentido comum, mas uma nova acepção semântico-argumentativa evocada por um contexto discursivo específico. Sendo assim, quando o ponto de vista do locutor não apresenta o mesmo aspecto expresso pelo ponto de vista do interlocutor, ocorre o humor.

Feita a análise, encaminhamos para as considerações finais do estudo.

Considerações finais

A temática em torno da qual se desenvolveu este estudo insere-se nos pressupostos da Semântica Argumentativa, teoria que se dedica ao estudo da argumentação inscrita no próprio sistema linguístico, motivo pelo qual recebe a denominação de Teoria da Argumentação na Língua (TAL). Sendo assim, buscou-se como delimitação teórica os conceitos fundamentais da TAL, de Oswald Ducrot e colaboradores (1990; 2005), mais especificamente no que se refere ao terceiro momento da teoria: o modelo teórico dos Blocos Semânticos (TBS), desenvolvido por Marion Carel (2005).

O *corpus* escolhido corresponde ao meme, texto característico do mundo virtual que se tornou popular na era digital e que tem, além do suporte web como uma característica marcante, a popularidade, uma vez que ganhou expressiva reprodução nas redes sociais para comunicar diversas situações do cotidiano. O meme selecionado é uma recriação do álbum de Chico Buarque de Hollanda de 1966, que obteve notória divulgação ao apresentar dois fatos contrapostos acompanhados da imagem do cantor ora sorrindo, ora sério.

O objetivo do trabalho, analisar a construção do sentido dos enunciados pela argumentação que se estabelece, exclusivamente por meio da língua, no funcionamento semântico do meme de Chico Buarque, pôde ser alcançado confirmando que a TBS possibilita perceber o sentido depreendido da negação dentro do texto, uma vez que as palavras não são tomadas isoladamente, mas pela relação entre os enunciados e pelo conjunto de possibilidades argumentativas preexistentes na própria língua através de outros pontos de vista que podem se manifestar no enunciado.

Verificou-se, durante a análise, que o discurso é uma sequência complexa de encadeamentos semânticos que exprimem argumentações internas e externas de entidades lexicais que o compõem, constituindo, assim, um bloco semântico que evoca diferentes vozes. A partir do bloco semântico, foi possível observar como se constrói a organização de um enunciado com o aspecto negativo no interior do texto de humor. Identificamos o ponto de vista absurdo na sequência 1, constituído a partir da compreensão de que, apesar de ser final de semana, ocorrerá uma avaliação extensa que impedirá os participantes de usarem o tempo para descansar.

Nesse contexto, a TBS oferece muitas possibilidades de investigação de diferentes tipos de textos e gêneros, facilitando a compreensão do sentido de enunciado apenas por sua estrutura e relação com outros termos da língua, sem dependência extralinguística para sua compreensão, inclusive em enunciados com poucas sequências linguísticas e embasados, em sua maioria, em imagens, como é o caso do gênero meme. Assim, o sentido de humor pode ser compreendido pelos leitores, mesmo não havendo conhecimento da situação sócio-histórica na qual está inserido o discurso cômico. No caso do *corpus* de pesquisa analisado – a capa do LP de 1966 do cantor Chico Buarque de Hollanda –, os leitores não precisam recorrer ao contexto da época de lançamento da arte ou do posicionamento do próprio cantor para compreender o risível do meme nos dias atuais. O aspecto que proporciona o sentido risível, mesmo sem conhecimentos externos, é o fato relevante do valor argumentativo das palavras e suas relações nas construções linguísticas.

Destacamos, para concluir, que a análise pode ser expandida a outros enunciados do mesmo tipo, ou ainda a enunciados negativos que não pertencem a esse tipo textual ou gênero para verificar outra descrição linguística que não foi contemplada neste estudo.

Referências

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. **La semántica argumentativa**: una introducción a la teoría de los Bloques Semánticos. Tradução: María Marta Negroni y Alfredo M. Lescano. Buenos Aires: Colihue, 2005. p. 11-90.

CAREL, Marion; DUCROT, Oswald. Descrição argumentativa e descrição polifônica: o caso da negação. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 1, p. 7-18, 2008.

CHICO Buarque de Hollanda. Intérprete: Chico Buarque de Hollanda. São Paulo: RGE Discos, 1966. 1 disco vinil.

CORTIVO-LEBLER, Cristiane Dall; SILVA, Adilson Ventura da. Subjetividade e ironia: breve discussão e análise. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 50, n. 3, p. 316-324, 2015.

DUCROT, Oswald. Polifonía y argumentación. **Conferencias del seminario Teoría de la Argumentación y Análisis del Discurso**. Cali: Universidad del Valle, 1990.

DUCROT, Oswald. Os *topoi* na “Teoria da Argumentação na língua”. **Revista Brasileira de Letras**, São Carlos, v. 1, n. 1, p. 1-11, 1999.

DUCROT, Oswald. Os internalizadores. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 129, p. 7-26, 2002.

DUCROT, Oswald. Esboço de uma Teoria Polifônica da Enunciação. In: DUCROT, Oswald. **O Dizer e o Dito**. Tradução: Eduardo Guimarães. Campinas: Pontes, 1987. p. 161-218.

FREITAS, Ernani César de. **Semântica argumentativa**: a construção do sentido no discurso. Novo Hamburgo: Feevale, 2007.

GOMES, Lauro. **Como avaliar a semântica do texto?** Uma proposta para a avaliação de redações orientada pela semântica argumentativa. São Carlos: Pedro & João Editores, 2017.

RAMALHO, Diogo. Memes do dia. **Humor Político**. Disponível em: <https://www.humorpolitico.com.br/diogo-ramalho/memes-do-dia-4>. Acesso em: 04 nov. 2018